

(PEDRO JUAREZ)

Universidade Federal da Bahia
Escola de Música e Artes Cênicas — Departamento de Teatro
Av. Araújo Pinho, 292 — Canela, Salvador — CEP 40.140 — Fone: 247-8162

Grupo de Estudo do Teatro Popular

Setembro/86

Espectáculos Populares e Folclore nº 4

Festa de Reis em Araci

Anatólio Oliveira,
do Departamento de Teatro da EMAC

INTRODUÇÃO

Araci, sede do município do mesmo nome, localiza-se a 210km de Salvador, na região Nordeste do Estado da Bahia, num espaço do sertão onde se contrabalançam extensas áreas de caatingas e pequenos trechos de bosques, verdadeiros tufos de ilhas vegetais, com árvores mais altas e frondosas como o ipê (cognominado de "caixão" pelo povo), notadamente nos terrenos mais úmidos das baixadas ou próximos aos riachos, cercados pela mata de porte mais reduzido que ocupa o imenso espaço restante com árvores e arbustos característicos da região: quixabeiras, juazeiros, pau-de-rato, caçutingas e diversas espécies xerófitas, destacando-se o xiquexique, a palmatória e o mandacaru.

As terras do município, juntamente com as das regiões circunvizinhas, foram desbravadas e povoadas em consequência da expansão da pecuária em fins do século XVIII e, em relação a Araci, notadamente em princípios do século XIX. José Ferreira de Carvalho, o fundador da cidade, a princípio uma fazenda com atividades nas áreas da pecuária e da agricultura, então denominada Fazenda do Raso, escolheu o local em virtude da existência de uma aguada natural, propícia exatamente a atender às exigências de dessedentação da criação de animais: bois, carneiros e cabras.

Enquanto as atividades do criatório tomavam o ano inteiro, as da agricultura limitavam-se ao inverno, período em que eram plantados o milho, o feijão e a mandioca e à época das trovoadas nos meses de novembro e dezembro, adequada para a plantação do feijão de corda ou feijão fradinho. Ainda nos dias atuais, a produção do município consiste nestes elementos tradicionais, acrescida da exportação de peles, como também pela exploração da fibra do sisal, vegetal esse que resiste ao clima árido, constituindo-se num dos sustentáculos da economia do município, dada a extração perene de suas fibras. Na atualidade há um grande estímulo para o desenvolvimento da economia local. Assinala-se a existência de áreas extensas de terrenos auríferos, já detectados pelos técnicos e geólogos da DOCEGEO. No entanto, a força do seu folclore repousa essencialmente naquelas atividades econômicas mais antigas e tradicionais: a agricultura e a pecuária, notadamente essa última, já que os animais estão sempre presentes nas letras dos cânticos, um dos quais tem exatamente o nome de "boi" (cantar um "boi" é um procedimento comum por ocasião da limpa de terra para o plantio do milho e do feijão ou, após a plantação, a ação de arrancar as ervas daninhas) e os sambas giram quase sempre em torno de um boi ou de outro animal.

A história político-administrativa de Araci sofreu uma série de vicissitudes. Até o ano de 1890 pertenceu ao município vizinho de Tucano, tendo obtido autonomia neste ano, passando a reger os seus destinos. Com a implantação de nova situação política, gerada pela revolução de 1930, Araci não preencheu os requisitos exigidos pela nova ordem, no tocante ao número populacional e rendimentos anuais, extinguindo-se o seu status de município, transformando-se em sub-prefeitura. Não durou muito também a nova situação. Em 1935 foi extinta a sub-prefeitura, permanecendo por mais de vinte anos simples distrito do município de Serrinha. Em 1957 recupera a autonomia, tendo o primeiro prefeito assumido o posto em abril de 1959.

A população do município, de acordo com o censo de 1980, é de 32.506 habitantes, sendo a da sede 6.035, a qual, atualmente, já se aproxima dos 10.000 habitantes. Na década de 1950, como também nas anteriores, torna-se evidente que o número de habitantes era bem menor. Porém o que faltava em quantidade, em termos de folclore, sobrava em qualidade. As pessoas se entregavam de corpo e alma aos folguedos, vibrando com as estrepolias do boi e o som dos pandeiros e cavaquinhos e especialmente com o desfile das pastorinhas nas noites de Natal e de Reis.

AS FESTAS DE REIS

Os festejos de Reis constituem-se, na verdade, num prolongamento natural das festas e folguedos natalinos, uma espécie de coroamento, mescla de clímax e conclusão de todo um ciclo de atividades profano-religiosas. (Os ternos e grupos começam a sair à rua no dia de Natal, encerrando as andanças no dia 6 de janeiro, data da Epifania.)

Acreditamos que essa afirmação tenha um significado reconhecidamente abrangente em todas as regiões brasileiras, isto é, nos espaços culturais das mesmas em que as festas de Reis se evidenciam.

Em Araci, podemos facilmente distinguir dois tipos de festejos referentes a estas manifestações, caracterizados pela camada social que os organiza, como também pela estrutura e linguagem que apresentam. É necessário frisar a existência de um vínculo entre estes dois tipos de reisado. Ambos detêm uma forte carga de elementos populares, como a mistura do sagrado e do profano e um determinado grau de religiosidade ingênua, que pode ser constatada tanto nas raízes do folguedo quanto no desenvolvimento da ação.

O primeiro tipo refere-se aos ternos organizados por pessoas pertencentes às camadas da classe média, do qual a letra dos cânticos não se divorcia (muito raro costumava acontecer) das regras gramaticais e há uma preocupação maior pela organização, ensaios, vestuários e outras decisões relativas ao abrilhantamento da função.

Neste modesto trabalho, interessa-nos, porém, o outro tipo, mais simples, quase despojado.

O SEGUNDO TIPO

Corresponde aos festejos de Reis intimamente ligados às camadas de menor poder aquisitivo da população, tanto na zona urbana quanto na rural.

No perímetro urbano há exemplos de ternos organizados em meados da década de 1940 por Maria Gervásia, conhecida também por Maria de Ciana, a popular Maria Pretinha que, possuidora de uma bela voz, cantara em seus tempos de juventude, no coro da igreja matriz.

Os ternos de Reis por ela ensaiados primavam pela organização, sendo os preparativos, inclusive os ensaios, iniciados com bastante antecedência e bem concorridos. Nesse mister era auxiliada por Seu Jovino, José Frutuoso, José Mariano (Zé Boca) e Casimiro de Tal.

INSTRUMENTOS MUSICAIS E TRAJES

Como instrumento musical sobressaía o violão, embora freqüentemente utilizassem o cavaquinho, a viola, sanfona, o pandeiro e o ganzá.

Propriamente não havia um traje específico. O traje comum, domingueiro, adequava-se perfeitamente à festança, havendo apenas exceção para o chapéu de palha, o qual obrigatoriamente estava enfeitado com fitas coloridas, que se agitavam ao vento. Algumas vezes, muito raramente, as pastoras apresentavam-se trajando vestidos brancos. Acessórios, também, inexistentes.

No entanto, para compensar a pobreza das vestimentas, surgiam algumas figuras ou personagens do bumba-meu-boi acompanhando o cortejo. O "boi", uma armação de madeira, imitando a estrutura óssea do animal, recoberta de tecido barato, na maioria das vezes um chitão com grandes flores estampadas, fazia a alegria da rapaziada e dos adultos com o tropel de suas correrias, investindo contra pessoas isoladas ou em grupo, as quais fugiam em desabalada carreira, seguidas de perto pelo "boi" perseguidor. A "burrinha" aparecia na função. Não possuía a atração exercida pelo "boi". Acompanhava o terno dançando meio apagada. O Jaraguá, contudo, um ser fantástico, formado por uma armação de madeira coberta por um tecido branco e barato, sustentada por um indivíduo oculto dentro da mesma, na qual aparecia um imenso pescoço encimado por uma cabeça ampliada de jacaré, pregava sustos nervosos nos participantes desavisados e distraídos com o chocalhar dos dentes das suas queixadas. Uma figura popular muito conhecida na cidade, Seu Antônio Biro-biro, encarnava a personagem toda ocasião em que o terno saía à rua.

A SAÍDA DO TERNO

Reunidos em frente à residência do organizador principal, os componentes arrumavam-se atrás do conjunto musical, formando duas filas com homens e mulheres indiscriminadamente e, após, a massa do povo. Esse tipo de manifestação dos festejos de Reis não visitava as casas em que estavam armados presépios. Tinham o organizador ou organizadores, um roteiro definido anteriormente, baseado nas relações de amizade e no grau de prestígio social dos visitados, sendo que o primeiro fator pesava muito mais que o segundo. A mesma afirmação é válida também para os grupos que realizavam a função de Reis no meio rural.

O canto de saída propriamente nada tem a ver com os padroeiros da festa. Não passava de aproveitamento ocasional de uma quadra que poderia ser cantada em qualquer outra ocasião. Os componentes do terno, juntamente com o povaréu acompanhante, cantavam-na com toda a força dos pulmões. Uma das preferidas era a seguinte:

Chuvê, chuvê
Ventá, ventá
Nos braços de Maria
É queu vou me acalentá
Chova, chova o que chuvê

Vente, vente o qui ventá
Nos braços de Maria
É queu vou me acalentá.

Já no meio rural, no intervalo espacial entre as casas, os elementos do terno e os que o seguem, sem dúvida para aliviar a garganta, vencem a distância conversando animadamente, os instrumentos musicais mudos, ouvindo-se apenas o vozeiro álaçre, interrompido freqüentemente por uma e outra risadinha estrepitosa.

Ao chegar à primeira residência definida, cujos donos nada sabem da função ou fingem ignorar, o grupo aglutina-se em frente à porta e, acompanhado pelo som dos instrumentos musicais, entoa o cântico de Reis, cuja finalidade é acordar o dono da casa. Através de elogios a cada um dos membros da família, prepara-lhes o espírito para maior receptividade, como também exacerbar-lhes a boa vontade, no tocante ao oferecimento de bebidas e, eventualmente, algum comestível. O cântico é, em linhas gerais, bastante extenso, pois tem que se referir, como já foi dito, a todos os componentes da família ali residentes, a começar pela esposa do dono da casa e quando esta é numerosa, o canto se prolonga muito. A base para o mesmo é o improviso. Algumas quadras se cristalizam e permanecem; outras variam de ano para ano. A primeira quadra está profundamente solidificada. Outras, do mesmo modo, mudando-se apenas o nome das pessoas residentes nas diversas casas visitadas. As quadras seguintes, do canto de abertura da porta, encontram-se já sedimentadas:

Ô de casa, ô de fora	bis
Menino vai vê quem é	bis
É o reis qui istá na porta	bis
Quem mandô foi São José.	bis

Sinhora Dona (. . .)	bis
É a frô da melancia	bis
Parecendo a istrela dalva	bis
Quando vem rompendo o dia.	bis

Sinhora Dona (. . .)	bis
Boa tisoura de corte	bis
Vá dizê a Nossa Senhora	bis
Qui lhi dê uma boa sorte.	bis

No terceiro verso da primeira quadra ocorre uma variante: em vez de "é o reis qui istá na porta", diz-se, às vezes, "somos cantadô de reis".

O restante é improvisado. Damos como exemplo a quadra seguinte, inventada pelo autor, para demonstrar aproximadamente o tipo de improviso:

Sinhora Dona (. . .)	bis
Muito bunita e faceira	bis
É uma vistosa rosa	bis
Nos gaio de uma rosera.	bis

Finalmente abre-se a porta e todos entram enquanto o conjunto musical ataca um samba. Imediatamente se põem a cantar e a dançar, à vontade, sem dar

importância a uma ordenação rígida da posição das figuras. Até a década de 1940 e princípio da de 50, comumente, os sambas cantados eram os seguintes:

Pega o bode, amarra o bode
Na gaia do calumbi
Este bode se danou
E não deixou ninguém durmi.

O samba é repetido várias vezes e se os donos da casa nada trazem para molhar a garganta, o grupo ataca um samba mais apelativo:

Dona da casa
Me apareça
Traga cachaça
Antes que o dia amanheça
Dia amanheça.

Diante de apelo tão categórico, os donos da casa trazem a “branquinha”, que é dividida em copos, xícaras e quando falta recipiente para a distribuição, o gargalo da garrafa funciona às mil maravilhas: goles ou goladas se sucedem, passando as garrafas de boca em boca enquanto o som dos instrumentos cede lugar ao zumzumzum das conversas.

Essa pausa não dura, porém, muito. Antes mesmo dos últimos participantes do grupo bebericarem a sua parte, recomeça o samba, sempre uma música nova na situação, raramente uma repetição. Sambas bastante cantados eram os que se referiam aos animais, como este que se segue:

Bezerro novo
Na portera do currá
O bezerro de iaiá
Tá cum fome ou tá cum sede
Cum vontade de mamá
O bezerro de iaiá.

Acontecia de vez em quando que o dono de uma casa estava desprovido de bebidas. Neste caso poderia sair um cafezinho feito às pressas, que por sinal não dava para todo o mundo.

Outros sambas poderiam ser cantados caso houvesse ou não cachaça. Quando não havia, pairava no ar uma desculpa tácita. Ninguém ficava aborrecido, pois a noite era de alegria e podia-se descontar o atrasado na próxima casa.

Transcorridos cerca de trinta minutos ou pouco mais, em média, cantava-se um samba de despedida e o cortejo mergulhava novamente na noite em busca da outra casa programada, repetindo-se os “toques”, os cantos e, ao alcançar a última casa da lista, as barras do dia tingiam o oriente com sua auréola de luz.

Encerrado o festejo, restava a volta para casa e a esperança de nova “brincadeiras” no ano vindouro.

Maio de 1986

REITOR DA UFBA: Prof. Germano Tabacof
DIRETOR DA EMAC: Prof. Paulo Dourado
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE TEATRO: Profª Cleise Mendes
COORDENADOR DO GETP: Prof. Néilson de Araújo

APOIO CULTURAL: Centro Cultural de Araci

PREÇO: Cz\$ 5,00